
2023

# 1.

Sento-me sobre a campa e sinto o frio cortante do mármore gelado sob a saia de fazenda e os *collants* cardados. *Ah, isto da idade!* Se alguma vez pensei usar uma bengala sempre que precisasse de me levantar, ou imaginei que me pediriam que contasse de novo esta história. Até porque, como sabem, esta *não* é uma história de amor. Não uma história de amor convencional, por assim dizer. Não tem um casal que se apaixona e tem filhos. Que troca juras de amor até que se unam na sepultura partilhada, com dizeres e fotografias a sépia. Como *esta*. O que vos conto não é, de todo, uma história desse tipo de amor, mas realça o elo indelével entre uma criança, a sua origem e os seus laços familiares. Embora esse vínculo, que tantas vezes tentamos forçosamente esquecer, seja talvez a mais bonita forma de amor.

É a história da minha saudosa infância. Do meu malfadado bairro. E dos meus. Dos que ficaram e dos que se foram. Dos que jazem aqui à minha espera, debaixo de cobertores de granito bordados em letras douradas. *Aqui jaz Luísa. Um dia.*

Eu, que até na morte serei criança. Agarrada a um bairro e a sonhos que nunca morrerão, pois são o combustível que ateia a fogueira. O açúcar que adoça o pudim. O pedal da bicicleta que nunca se fará ferrugenta. As asas que me fizeram voar por entre as casas e os quintais. As palavras que ficaram escritas. E por escrever. As que contei anos antes e agora reconto a quem ainda as quiser ouvir.

São os sonhos e o bairro a metáfora da vida. O avesso que se torna certo, porque eu serei sempre criança. A criança que corre e que salta nas poças, rindo a cada respingo, porque a infância é correr descalço. É magoar os pés no cascalho selvagem e deixar que o sangue escorra sem medo. Porque um dia, sim, um dia, as feridas irão doer. Mas não na infância. Nela, tudo é penso rápido. Tudo é fugidio. Como uma tarde livre e sem horas, onde os minutos se convertem em meses. Porque não há tempo quando se é feliz.

Mas há tempo na morte. E, por isso, quando ela me pediu *Conta o nosso bairro*, eu sabia que era minha obrigação fazê-lo. A quem? Não importa. De que modo? Ainda menos. Mas o nosso bairro é a nossa história e lá eu serei sempre criança. Mesmo que a memória me atraiçoe, o espírito já se encolha e a melancolia, tantas vezes, se enrosque comigo ao deitar, naquele lar macilento de cheiro a mofo.

O nosso bairro é a nossa história e, nele, a nossa sepultura será um emaranhado de cruzes de pedra que, agora que penso, talvez sejam uma história de amor. Porque realçam o elo indelével entre uma criança, a sua origem e os seus laços familiares.

Eu.

O meu bairro.

A Rosa.

O Carlitos e o avô Zé.

E o que ficou por contar.

# 1957

# 2.

O meu nome é Luísa e nasci e cresci no Bairro das Cruzes. Visto do céu, formava três cruzes perfeitas de casas simétricas e estradas mal cimentadas. Coisa rara em 1947, ano que me viu nascer, ter tamanha proporção como morada. Isso e tijolos nas paredes. Nunca vi o bairro do céu, mas acredito em quem o diz. Afinal, ver bairros do céu era coisa de pássaro e, por mais asas que eu desse à imaginação, a verdade é que nunca consegui voar.

Era um bairro numa vila, o que o tornava ainda mais bairrista. Mãos na cintura. Gritaria da mãe que chama para o jantar. Miúdos sujos e esfolados na rua, fazendo eu parte dos que jamais se apresentavam sem nódoas em jeito de medalhas de honra. Barulho e homens de taberna. E uma espécie de cães vadios, porque apesar da coleira, ninguém saberia dizer ao certo qual a sua morada. Era este o meu bairro. E a minha vida.

Ficava mais ou menos a quarenta quilómetros de Lisboa, mais precisamente em Mafra, que não tinha só o Bairro. Também tinha um Convento. Embora isso, para mim, não fosse tão importante como o sítio onde morava, até porque nunca havia entrado no Convento e contavam-se histórias sobre ratos e morcegos capazes de tornar em pesadelos todos os sonhos.

Era um bairro longe e ao mesmo tempo perto. Porque também era grande, mas conseguia ser pequeno. Lá, todos se tratavam por *tu* e não

havia gente que não se conhecesse, porque a vida do vizinho vivia-se também na nossa casa. *Pobre da Custódia, o filho já anda outra vez a roubar.* Mas, apesar das desavenças, no Natal todos coziam batatas com bacalhau. E em novembro trocavam-se broas de erva-doce. Que é como quem diz que, por mais que se odiassem, eram todos iguais e até amigos.

As casas eram caiadas de branco e tinham telhados baixos e quintais à frente. Nas traseiras, barracões mal-enjorcados, capoeiras para coelhos e lixo, muito lixo acumulado. Daquele que se guardava esperando ser útil, mas que ganhava teias de aranha capazes de alojar uma família de três gerações. Bidões que serviam de fogareiro e telhas partidas que haviam de remendar telhados. Ou servir para assar coelho. Nada que se comparasse, porém, à plantação de salsa e coentros que o avô fazia dentro de uma banheira de latão gasta.

Para mim, o engraçado daquele bairro era o facto de os quintais serem iguais ao penteado de quem morava dentro das casas. A Olímpia pintava o cabelo de amarelo e, na sua honrada moradia, todos os vasos do caminho de entrada eram dessa cor. A Clara cozinheira não fazia um carrapito sem que lhe saltassem cabelos de fora. Talvez por isso o seu quintal estivesse minado de ervas daninhas. Já a Ti Orquídea era quase careca e a parca penugem que se lhe notava no alto da cabeça era da cor do nevoeiro. Por isso, o caminho do quintal dela era de gravilha cinzenta. O da avó Palmira era salpicado de peónias coloridas, porque ela pintava tantas vezes o cabelo que já não se lhe distinguia a cor. E, sobretudo, porque o avô a apelidava de «Ave Rara». Tal qual as peónias.

Achava eu, portanto, que o bairro tinha vida. Que era capaz de escolher quem lá vivia e onde. Olhava-nos para o cabelo e escolhia-nos a casa. Eu acreditava que quando fosse crescida, se ainda lá morasse, teria um quintal de areia. Com buracos e castelos. Assim à imagem da minha cabeleira loira pálida que tinha peladas por causa dos elásticos de borracha que a minha mãe insistia em fazer-me usar. Mas teria castelos, isso sem dúvida, porque eu não me cansava de sonhar. Não que me tornaria princesa, claro, mas que dominaria a minha casa. E, nela, as torres, janelas e varandas seriam tantas quantas as ideias que em mim moravam. Já a minha prima Rosa, a julgar pela farta cabeleira em

canudos simétricos que lhe caía nos ombros, iria viver num palácio austero, frio e perfeito, carregado de colunas de mármore. Só que pretas. Na verdade, ela dizia que o bairro ia ser demolido só para se construir a casa dela. *Isto um dia vai tudo abaixo.* A Rosa nunca fez a coisa por menos. Ainda sonhava mais alto do que eu. E, infelizmente, tinha razão.

# 3.

Passava pouco das oito e meia da manhã e já estava um calor infernal. O avô andava a falar de uma vaga de calor estranha. Eu tinha entrado a muito custo no quintal da Ti Orquídea sem que ela me tivesse visto chegar. *Raio da mulher, que parecia ter dez olhos!* Sabia sempre onde nós estávamos e depois contava à avó Palmira, que, como se podia imaginar, me ameaçava com a cana se eu voltasse a invadir quintal alheio. Escapuli-me pelas traseiras, subi o caminho de gravilha com a bicicleta na mão e em câmara lenta. Se ela me ouvisse, estaria tudo acabado. Ainda bem que o *Piloto* tinha morrido semanas antes ou, caso contrário, o seu ladrar enlouquecido iria denunciar-me outra vez. Fora difícil enganá-lo com bolachas *Maria* todo aquele tempo. E eu não conseguia sentir-me culpada por ter ficado feliz com a morte dele — era um cão chato e estúpido. E dava cabo do nosso arsenal de bolachas.

A Rosa e o Manel estavam atrasados. *Típico*. Para quê dar um jeito a um barracão velho e meter-lhe lá dois caixotes a fazer de bancos, uns lençóis roídos da traça a tapar as janelas, se, depois, em vez de no nosso esconderijo, tínhamos de nos encontrar na rua porque um deles não tinha chegado antes de a velha se levantar? Já os tinha avisado: *antes das nove. Ela levanta-se às nove em ponto, como um relógio, ou como se precisasse de pegar no trabalho a horas*. E a janela da cozinha dava para o caminho, por isso tínhamos de chegar antes disso. Oito e meia era boa hora, mas nada feito. Ninguém me ouvia. Eu era o cérebro. A Rosa, as maminhas. O Manel, um pau-mandado. O que fazia de mim a chefe, ainda

que não declarada. Do barracão e das brincadeiras. Embora a Rosa achasse que era ela quem mandava. E isso irritava-me, obviamente.

— Luísa? Estás aí? — ouvi uma voz perguntar.

— Tu estás parvo, Manel? Fala baixo. Queres que a velha nos apanhe?

— A Rosa está a vomitar ali na valeta — disse, com a voz a tremer-lhe daquele jeito tão dele. — Anda rápido. Não sei o que fazer sozinho. Ela está branca. Nem parece ela!

Deixei a bicicleta no esconderijo e saí a correr. Não sei se acordei a proprietária daquele espaço clandestino, se os cães todos da vizinhança, mas, de repente, todo o silêncio do mundo e daquela manhã de julho parecia ter sido roubado. A Rosa estava com os cantos da boca sujos, amparada no muro de cimento da casa da Tila, uns metros adiante.

— Rosa, então? O que é que te aconteceu?

— Não sei. Vinha a caminho e vi o Manel. Quando lhe fiz sinal para se despachar, porque já nos ias cansar a cabeça, senti assim uma tontura e desatei a vomitar o bolo de iogurte e o leite com cevada.

— Que nojo! — não pude evitar. — Mas já estás bem?

— Acho que não. Acho que vou cair.

*Dramas*. A Rosa era perita nisso. Eram tantas as vezes que eu vomitava e seguia caminho. Ia lá ficar doente por culpa de um leite azedo.

— Não vais nada. Deixa-te disso. A minha bicicleta ficou lá dentro. Se não entrarmos antes das nove, hoje não há planos para ninguém.

Ela estava realmente pálida.

— Mas eu acho melhor voltar para casa. Se a minha mãe e a avó sabem que vomitei e fui na mesma brincar…

— Primeiro, elas não vão saber… só se lhes contares — argumentei. — E, depois, nós não vamos brincar. Nós temos uma *missão*. Anda, Manel, faz alguma coisa! Ampara aí a Rosa que eu vou na dianteira ver se a costa está livre. Mais tarde trato de arranjar um balde de água para despejar em cima disso.

Mas, no preciso momento em que a larguei, a Rosa caiu para o lado. Em cima da poça de vómito cor de café com leite. Estava branca e com umas olheiras tão pretas que quase parecia que as tínhamos pintado com carvão — como daquela vez em que tentáramos fingir que éramos índios e que vivíamos numa tenda improvisada na horta da Amélia. Todos os quintais do bairro eram nossos — embora a avó não pudesse

saber disso. Meus, da minha prima Rosa e do Manel. Um ano mais novo e muitos anos mais pateta. Os outros miúdos respeitavam-nos porque eu só tinha nove e já sabia ler como os adultos. E, sobretudo, porque muitas vezes passeava o *Pantufa* — o cão de caça do avô que na verdade não caçava uma pena de perdiz — com distinção, só para parecer que tinha em casa uma fera feroz que impunha respeito. Na realidade, o raio do cão era mais medricas que o Manel.

Foi nesse dia, num dia qualquer normal de verão, que a Rosa caiu à cama e foi sentenciada à morte. Ainda não tinha feito nove anos e os médicos diziam à mãe dela, a minha tia Cândida, para se mentalizar. O tempo de vida dela seria curto e nunca me vou esquecer de a ver estendida no chão e de pensar: *afinal é isto um fantasma*. Achei que a Rosa tinha morrido na valeta, tal era a sua ausência de cor e vida.

Depois, quando a vi no hospital, enquanto eu apertava a medo a mão da minha mãe, pensei que ela se tinha transformado numa espécie de extraterrestre magrinho e transfigurado. Um espírito reencarnado. Aquela coisa ali deitada não podia ser a Rosa. *A minha prima Rosa.* Ela era roliça, tinha bochechas sempre vermelhas como se bebesse vinho, tal qual o avô Zé, e tinha maminhas. Onde é que estavam as maminhas dela? A Rosa era a bonita e eu, uma trinca-espinhas. Sempre fora assim. Sempre deveria ter sido. Como é que ela poderia estar mais magra do que eu?

Eu não tinha a menor noção de tempo e julgava que ele andava muito devagarinho. A Rosa só tinha estado internada sete dias, mas, uma vez que não aguentava nada no estômago, parecia um palito. E, a mim, parecia que ela estava ali havia uns vinte anos e que de repente tinha ficado velha. *Mesmo velha*. Mais que a Ti Orquídea, porque até o cabelo lhe estava a cair.

Senti o medo crescer-me no peito como um balão que se enche e se enche e ocupa cada vez mais espaço, impedindo-nos de respirar. E eu tinha cá um medo. Medo de que ela me aparecesse durante o sono à beira da cama. Ou que nunca mais aparecesse, de todo, e fosse embora para outro sítio sem se despedir. Sem me levar dali. Ela sabia ser má e parva, mas era minha prima e minha amiga. A única que tinha, a bem da verdade. E não tinha graça nenhuma deixarmos de ser um triângulo e passarmos a ser uma reta. Eu e o Manel. *Que Deus me ajudasse! E a ela.*

# 4.

Foi um choque tremendo para o bairro inteiro saber que a Rosa tinha cancro. Eu dizia *can-ca-ro*, naquela altura. A palavra ainda não era muito usada e todos diziam que ela tinha *o bicho.* E tornara-se comum ver as velhas carpideiras encostadas nas ombreiras das portas, cesto de vime num braço e leque no outro, a chorar a pobre menina que havia de ter pouco tempo de vida. Mal me viam aproximar, calavam-se e gemiam um *coitadinha*, como se também eu estivesse a morrer. Como se fosse a Luísa a enferma. E eu que nem sabia que ela estava a morrer? Não sabia, inclusive, muito bem o que *era* morrer. Sabia que deixávamos de ver a pessoa por uns tempos, mas ainda não tinha percebido bem se era uma coisa definitiva, ou uma espécie de férias. Por exemplo, eu tinha dois avôs Zés e, por isso, tratava o mais velho por Bisa. Ambos eram caçadores e vestiam aquelas roupas camufladas, com boinas a condizer e casacos carregados de coisas pesadas nos bolsos, nas quais não me deixavam mexer por ser perigoso. *Catuchos?* Garantiam que não eram coisas para crianças. Um dia, o Bisa agarrou na caçadeira que guardava em cima do roupeiro de três portas lacado a caruncho, longe das mãos curiosas e peçonhentas dos bisnetos, e saiu para apanhar perdizes. Para os outros, o Bisa nunca mais voltou. A bisavó Isabel, mulher dele, chorou durante dias, e eu achei que ela nunca mais se conseguiria rir. Estava sempre a dar-lhe água, já que tinha ouvido a Xica da Mercearia dizer que a Natércia, mãe do Manel, tinha chorado

tanto quando o marido morrera que acabara seca como uma passa de uva. Certo era que eu ainda tinha visto o Bisa mais duas ou três vezes depois disso. Depois da sua suposta *partida.* A primeira: eu estava a lanchar pão com marmelada, sentada num tijolo — naquilo que era o início da garagem que ele andava a construir —, quando dei por ele a olhar para mim também sentado, mas na ponta oposta. Perguntei-lhe se já tinha vindo da caça e para ir depressa avisar a avó Isabel, porque ela não parava de chorar. O Bisa ergueu os ombros — num gesto que lhe era característico sempre que estava com pouca paciência para um qualquer assunto, evitando demorar-se —, tirou a boina de xadrez cor de caramelo que usava sempre e disse-me: *«Não posso. E a garagem nunca há de ficar pronta. Com tanta coisa que inventa o teu avô Zé, nem em dez anos teremos sítio onde guardar o trator.»* Era agricultor e comentava-se no bairro que não havia melhor tratorista do que ele. De seguida, olhei para o meu mindinho, um pingo de marmelada tinha escorregado da carcaça, e enquanto lambia o dedo e me preparava para contra-argumentar, já ele se tinha escapulido. *Sem mais*. Como num erguer de ombros. Não sei para onde terá ido e ninguém acreditou em mim, *claro,* o que era habitual, atendendo ao pouco crédito que me davam. Já da segunda vez, tinha sido mais de relance. Para falar a verdade, nem contei a ninguém porque não tinha bem a certeza se era ele. Os homens do bairro costumavam jogar dominó e passavam horas numa coisa a que chamavam *Batota* — que eu nunca percebi por que razão jogavam se sabiam que todos eram batoteiros. Certo dia, ia eu de boné virado para trás — tinha-mo oferecido o senhor da gasolineira e eu usava-o como um fio de ouro, coisa que irritava profundamente a minha mãe —, quando a vi sair da mercearia carregada de sacos. Com a pressa para virar o chapéu e o meter conforme mandava a etiqueta, caí com a bicicleta em menos de nada. Quase que posso jurar que o Bisa estava encostado a ver o jogo de dominó e que também virou a cabeça com o som do meu grito. Os nossos olhares cruzaram-se durante segundos. Também posso jurar isso. Mas, já me habituei, os meus juramentos de pouco valem, já que a minha mãe remata sempre: «*juras muito, mas acertas pouco*».

No fundo, pensando bem, talvez tenham sido mais as vezes em que o Bisa me foi aparecendo aqui e acolá. Não sei se fruto da minha

imaginação, por ter sido a minha primeira perda, se para me mostrar que não se morre *a sério.* Não como os adultos achavam que se morria. O nosso corpo desaparece, mas há qualquer coisa que se mantém por aí. O que me baralhou e deixou confusa foi o facto de uns meses depois a bisavó Isabel ter ido atrás dele. Foi, com certeza, ver onde andavam as perdizes que o Bisa não apanhara, porque também ela deixou de aparecer na casa do avô Zé e da avó Palmira aos domingos, quando nos reuníamos, sagradamente, mas todos contrariados, para almoçar. A ela, infelizmente, nunca mais a vi, o que me fez acreditar que, se calhar, morrer era ir de férias para sempre. Apanhar o comboio na estação de Mafra e nunca mais regressar. Ou, se calhar, juntaram-se os dois num grande abraço e deixaram de ter tempo para vir ralhar comigo. Embora o Bisa não fosse nada de se zangar. Era mais de encolher os ombros, como já disse.

Assim sendo, e porque eu achava que ninguém morria verdadeiramente, no máximo ia de férias, não me preocupei muito com o *can-ca-ro* da Rosa. Fiquei triste, é certo, porque não podíamos brincar naquele verão — e o verão era *tudo* —, mas passou-me depressa a preocupação. Talvez ela morresse, mas depois voltasse? Duvido de que conseguisse viver sem mim. Eu, se tiver de ser sincera, garanto que não saberia viver sem ela. *Que aborrecimento!* E, mesmo que ela morresse, eu tinha a certeza de que não me deixaria. Não *a sério.* Não *para sempre.* Como é que eu iria conseguir combinar os sapatos com o vestido — nos raros domingos em que íamos à missa —, se ela não me desse enfadonhas instruções? Eu, que sempre preferi uma camisola de manga curta desbotada e uns calções de algodão pelo joelho, já que me permitiam correr sem ter de os puxar para baixo? Também não tinha muitas opções, na realidade, uma vez que vestia o que as vizinhas me davam e que sobrava das filhas, maiores e mais cuidadosas do que eu. A minha roupa não havia de ter herdeiros — eu fazia questão de espatifar tudo o que me assentava no corpo. No fundo, a Rosa podia estar doente para os outros, mas, *para mim,* a imagem dela era a da mesma Rosa roliça, pespineta e chata como a potassa. Pindérica e vaidosa. Gabarolas e gananciosa. Mas a minha melhor amiga. Até porque não tinha muitas mais.



— Já foste ver a Rosa ao hospital? — perguntou-me um Manel encolhido e cheio de medo, como se a mera menção do nome da Rosa tivesse peste e se pegasse. Ou lepra, uma imagem assustadora que víramos em caixinhas de donativos na Escola Primária.

— Fui ontem. E tu?

— Eu vou lá hoje à tarde com a minha mãe. Parece que estou maldisposto só de pensar nisso.

— Tu para de ser piegas. *Caraças!* — não lhe gritei, mas quase. O Manel tirava um santo do sério. Era assim que se dizia? Ou do altar?

— Não se pode dizer essa *asneira*.

— Caraças não é uma asneira. Só se for uma asneira dos fracos. *Merda* é que é. E sabes que mais? A Rosa estar doente é uma merda.

Vi o Manel girar a cabeça. Talvez procurasse um polícia que me prendesse por aquele *grave* delito.

— Lembras-te de quando ela desmaiou? Não me esqueço. É que não parecia ela. Estava branca e esquisita.

— Estava desmaiada, Manel. E lá no hospital também está esquisita. Aviso-te já.

— Esquisita, como? — perguntou-me.

— Parece a Lena Fininha, sabes? — tentei suavizar a coisa. — Aquela que tem duas pernas que, juntas, são do tamanho do meu braço?

— Não pode ser — indignou-se o Manel. — Mas só se passaram uns dias, não foi? Será que são os extraterrestres que estão a fazer experiências com a Rosa? Lembras-te de o Cristóvão contar que a mãe dele tinha um livro sobre pessoas de outros mundos e planetas? Que medo, minha Nossa Senhora!

Achei tudo um disparate. Mas era melhor não contrariar o Manel. Ainda desmaiava e já me bastava uma ausência.

— Se calhar é mesmo isso — declarei, mas sem me conter — e até dizem que ela vai morrer.

— Morrer?

Pronto, tinha estragado tudo.

— Ó Manel, então…! Não chores. Mesmo que morra, ela aparece-nos.

— Mas isso ainda é pior. Isso são fantasmas.

— Manel, tu és tão mariquinhas! Tu não queres que a Rosa volte para brincar connosco? Então o que é que importa que ela seja fantasma ou menina? — perguntei-lhe. Só havia uma coisa que me dava a volta ao estômago. Literalmente. — Eu cá só não quero que ela vomite mais, porque aquilo cheirava mesmo mal.



Talvez venha daí o meu trauma com vomitado. Ou talvez venha do facto de ter vomitado aos pés do Carlitos, uma vergonha que nunca esquecerei! E, agora que a Rosa estava a morrer, eu não conseguia parar de pensar que assim talvez o Carlitos me enviasse folhas de papel com cheiro a pó de talco, em vez de as oferecer à minha prima, que as enfiava dentro da gaveta de papeladas do avô, porque tinha tantos admiradores que o Carlitos era só mais um. Seria eu uma aproveitadora? Estaria feliz com a *quase* morte da Rosa? Eu acreditava que não, afinal, o avô Zé dizia sempre «*Não deixes fugir uma oportunidade, ou levas a vida a pensar nela*». O Carlitos era a minha oportunidade.

Para mim, Luísa Baliza, conhecida na escola por ser a melhor guarda-redes de toda a vila e arredores — embora não deixassem as meninas jogar à bola no recreio —, o Carlitos era o *tal*. Só o via no bairro, porque na escola éramos separadas dos rapazes e, mesmo assim, via-o muito pouco, porque ele se juntava a jogar berlinde e a fazer carrinhos com tábuas de madeira com a trupe dos Doze. Não porque fossem *doze*, mas porque tinham *doze* anos. E, isso, naturalmente, criava algum distanciamento, uma vez que eles se achavam mais espertos e capazes, ainda que mal soubessem ler.

No dia em que a Rosa desmaiou, a nossa missão era atar o Aníbal a uma árvore, com uma corda que eu tinha roubado do barracão de ferramentas do avô Zé, e ameaçá-lo de morte caso ele continuasse a cuspir no Manel sempre que o via. O plano era apanhar o Aníbal, também pertencente a esse grupo de delinquentes armados em espertos, em que só o Carlitos prestava, antes que ele se juntasse aos outros.

Eu até tinha pensado em começar a rapar-lhe as pernas peludas com uma gilete do meu pai. Isto porque, obviamente, isso seria um castigo e peras. E devia fazer doer, porque o pai sempre que fazia a barba aparecia à mesa cheio de pensos com pintinhas de sangue. Mas o Manel não me deixou pôr em prática esse plano mágico. Disse que amarrá-lo à árvore já era arriscar demasiado e que, certamente, ele depois se iria vingar e passar, não só a cuspir-lhe, mas a baixar-lhe os calções de flanela, quando se cruzasse com ele. Nunca vi um miúdo tão queixinhas e choroso como o Manel, mas era meu dever protegê-lo, porque ele não tinha pai, nem irmãos. Mas, voltando ao Carlitos, ele era o miúdo mais magricela do bairro. Mas era *lindo.* Fazia parte dos Doze, mas eu nutria por ele uma simpatia especial e desculpava-lhe esse facto. Eu achava-o não magricela, mas *atlético*, e chegava a ofender-me quando a Rosa dizia com aquele tom de desdém, «*mas ele é um magrela*». Ainda bem que ela não gostava! Sobrava mais para mim. Podia ser que, pelo menos assim, um só rapaz reparasse em mim, já que a Rosa parecia alimentar todas as paixões infantis e inofensivas que tinham por ela. Com isso, ganhava rebuçados e sabia que estava linda, sem precisar de se ver ao espelho. Só que o Carlitos era discreto. Dava-lhe apenas as tais folhas de cheiro com pedaços de frases românticas que tirava dos contos eróticos da mãe. Às vezes, as frases eram mais ordinárias do que românticas, porque chupar dedos como se soubessem a framboesa era coisa que ninguém se imaginaria a fazer. E até um pouco *nojento*. O Carlitos abria os tais livros e, mesmo sem saber muito bem o que aquilo queria dizer, copiava a frase numa caligrafia horrorosa e cheia de erros ortográficos, que eu depois roubava à socapa e lia enquanto sonhava ser sua professora. A Rosa dizia que ele, além de magrela, não era lá muito esperto. Já devia ter deixado a primária, mas estava encravado na quarta classe. O pai dele, o Armindo Pedreiro, gritava ao bairro inteiro que era a última hipótese que lhe dava. «*Se não servia para médico, bem podia carregar baldes de massa*.» Talvez lhe desse os músculos nos braços de que precisava. Eu não achava que o Carlitos fosse burro. Achava-o esperto demais para perder tempo com letras e números. Ele precisava de vida e de ação. De correr e explorar. E eu acreditava que,

com a minha ajuda, ele poderia ser as duas coisas: capaz de ler e de me construir um castelo. Inteligência e força.

O Carlitos tinha cinco irmãos. Todos homens. Os mais velhos andavam na construção civil a brincar com tijolos em vez de carrinhos e os mais novos andavam sempre tão sujos e ranhosos que eu tinha medo de apanhar piolhos só por me cruzar com eles no passeio. A casa do Carlitos tinha um quintal desbravado. Nem uma única flor. E diziam as más-línguas que eles dormiam todos no mesmo quarto, deitados em camadas, como sardinhas numa lata, na mesma cama de ferro ferrugenta que já servira para os pais e para os avós. Talvez fosse por isso que o cabelo da mãe dele era laranja. Da cor do tijolo. Tal qual a ferrugem e a cor da terra que cobriam a entrada daquela casa. A mais velha e feia do bairro. A casa da Ruiva.

— Luísa, eu já te disse que não te quero a rondar a casa da Ruiva. Aquilo deve estar empestado de percevejos — repetia a minha mãe cheia dos seus moralismos.

— E tu achas que *isso* se agarra assim a mim? Nem sei o que isso é.

— Pouco importa, mas não te quero lá. Não precisas de más companhias, que já és machona que me baste. Sabias que o filho mais velho dela fugiu para Lisboa? O pai deu com ele numa casa de putas. Com dezasseis anos, vejam só! Já a formiga tem catarro.

— O que são putas? — perguntei.

— Ai, cala-te boca, já falei mais do que devia. Deixa lá… só não te quero com eles. Nem por ali a rondar. Estás avisada.

E, sendo assim, o meu primeiro amor estava condenado desde a nascença. Primeiro, porque o Carlitos amava a Rosa e eram para ela os bilhetinhos ordinários. Depois, porque a minha mãe achava que na casa deles se apanhavam doenças de nome estranho — *perce-quê?* — e que o irmão dele ir às putas era crime. Fosse lá isso o que fosse! A minha

esperança parecia do tamanho de uma ervilha, mas a quase morte da Rosa lembrou-me de que ainda *era* possível.

Assim, numa tarde de agosto ainda mais quente do que o habitual, já a Rosa tinha voltado do hospital e estava acamada em casa da avó Palmira — sítio onde eu estava proibidíssima de entrar para não incomodar a *menina doente* —, decidi procurar o Carlitos.

— Olá, Dona Ruiva, boa tarde. O Carlitos está em casa? — perguntei do lado de fora do portão, enchendo-me de coragem, mas sentindo alguma comichão nos braços despidos. Seria o tal bicho?

— Não, Luísa. Foi com o pai para as obras. Chumbou outra vez na quarta classe. Acabou-se a manha. Qualquer dia morria lá de velho. Agora, vai começar a dar ao cabedal, que já tem bom corpo. Isto não podem ser só bocas a comer.

Não percebi metade, por isso continuei:

— É que eu trago-lhe um recado da Rosa.

— Da Rosa? Da miúda moribunda? Ouvi dizer que ela mal fala e que veio para casa para morrer.

Engoli em seco. Tinha de me manter firme na mentira, porque a verdade era impossível de admitir.

— Fala, pois. Comigo, fala. E pediu-me para falar com ele com *urgência*.

— Ele só chega lá para as seis. Se quiseres, espera. Está um calor dos diabos, mas podes ficar aí, debaixo do telheiro. Eu vou andando, que o trabalho não se faz sozinho — declarou enquanto atravessava o portão de ferro e o deixava aberto, convidando-me a entrar.

A mãe do Carlitos era mulher-a-dias, à semelhança de uma série de outras mulheres do bairro. Mulher-a-dias era um nome estranho, e eu costumava pensar muito na razão de ser das coisas e dos nomes. Isso significava que ela não trabalhava de noite? E que o meu pai, trabalhando na recolha do lixo, devia ser *homem-a-noites*? Como, na verdade, eu não tinha nada que fazer — o Manel tinha ido com a mãe ao Norte, à casa da avó materna que lhe cosia remendos patéticos nos joelhos —, decidi esperar. Enquanto pensava nisto e noutras coisas, lambuzei-me com cinco figos gordos que apanhara no quintal do avô, antes de me aventurar na visita ao Carlitos, apesar de advertida para não o fazer,

porque, se a avó os vendesse no mercado ao sábado, sempre seriam mais uns trocos a entrar. Sentei-me à sombra de uma espécie de telheiro feito de chapa de zinco. Se a minha mãe me visse ali, diria que eu já estava comida pelo bicho. Tantas horas no quintal do Armindo e da Ruiva talvez me fizessem morrer antes da Rosa, mas o Carlitos valia o esforço. Só não sabia muito bem o que ia dizer-lhe, mas não podia deixar morrer a oportunidade. *Morrer*. Agora tudo era sobre *morrer*. A Rosa ia *morrer*. O *Piloto* tinha *morrido*. O Carlitos estava a *morrer* na quarta classe. A oportunidade também queria *morrer*, com certeza, porque nunca mais chegava. As horas passaram de forma lenta e o meu rabo doía como se fosse de cimento. Se calhar também tinha morrido.

— Luísa Baliza? O que é que estás a fazer no meu quintal? — A voz do Carlitos despertou-me.

— Vens sozinho ou com o teu pai? — perguntei, mantendo-me sentada. Meio escondida, não fosse o Armindo vir atrás.

— O meu pai ficou na tasca, claro. O dia só acaba depois de dez copos de tinto e quando não souber muito bem qual é a casa dele. Acho que a Ti Orquídea é ranzinza porque leva a vida a abrir a porta ao bêbedo do meu pai.

— Ainda bem — disse, mais aliviada. — Trago-te um recado da Rosa.

— Da Rosa? Mas disseram aí no bairro que ela não fala e que não podemos visitá-la.

— E não podes. Ela está a morrer. Deve ter só umas horas. Mas mandou-me dizer-te que, a partir de agora, deves passar a dar-me as folhas de cheiro com as frases de amor. Assim como se eu fosse um jogador suplente.

— Como é que tu sabes que eu lhe dou isso?

— Porque a Rosa não percebia nada da tua letra, que por sinal é *hor-ro-ro-sa*. Vamos ter de trabalhar nisso — acrescentei, mais para mim. — Pedia-me sempre para ler em voz alta e depois fazia um ar de enjoo quando eu terminava. Estás a ver? Assim com a língua de fora. Não sei até que ponto gostava…

— Queres dizer que ela não gostava? Ela nunca me disse nada!

— Oh, não! Ela *adorava* — tentei disfarçar. Estava a ficar embrulhada. — Tanto que quer que continues a escrevê-las, mas para *mim*.

Porque eu sou prima dela, melhor amiga, claro, e, se ela morrer, eu sou a melhor pessoa para ocupar o lugar dela, percebes?

— Percebo. Mas eu não sei se…

— Está combinado, Carlitos — interrompi-o. — Não podemos deixar morrer o último pedido da Rosa, não achas? Já que agora *tudo* morre.

E, dito isto, senti uma dor de barriga rápida e estranha e vomitei-lhe nos pés. Fiquei tonta e a babar vergonha, mas em vez de branca fiquei vermelha, tal qual um tomate madurinho, daqueles que a avó usava para misturar nos ovos mexidos. Lá se foram os figos. E, agora, além de morrer, toda a gente vomitava.